

Você tem que tomar conhecimento do Brasil. Porque se você olhar só o guarda, o sinal vermelho, isso existe em qualquer lugar do mundo. Então não é esse o Brasil, "meu Brasil é no outro mundo..."

O Villa-Lobos teve que inventar um Brasil. Como eu tive que inventar um Brasil. E aqui há abundância de pássaros. É a ilha Brasil. O Villa Lobos costumava dizer que o Brasil é um verde, um verde total, assim um paraíso, onde a Europa jogou um velho tapete persa.

O Villa teve muita influência em mim. O que é que o homem quer? - Destruir a floresta, matar os índios, engaiolar os pássaros, escravizar a mulher. Então, nós precisamos impedir isso de certa forma. E o Villa era um sujeito florestal, florestan. Heitor Florestan Villa-Lobos. Ele tinha muita floresta dentro dele. Um dia caiu nas minhas mãos um disco conduzido por Werner Jansen, maestro alemão. Tinha uma capa negra, branca e verde, cheia de borboletas, de cipós e vinha escrito "Choros nº 10". Eu botei o disco na vitrola e era um choro lindo. E eu já estava envolvido com música, fazendo arranjos, e chorei tanto, mas aquele choro libertador, aquele choro imenso.

Eu fui à casa do Villa-Lobos, e ele estava escrevendo a sinfonia "A Floresta Amazônica", para o filme americano "Green Mansion". Era na Rua Araujo Porto Alegre, ali onde era a Escola de Arquitetura, onde estudei. Havia o Café Vermelhinho em frente à ABI, é a rua do Teatro Municipal. E, curiosamente, Villa-Lobos vivia no centro da cidade, onde, à noite, você pode dar concertos: não tem vizinhos. Embaixo ficava o Café Vermelhinho onde se encontravam Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Villa-Lobos. Tomavam lá um chopinho. Villa-Lobos atravessava a rua e ia na ABI, onde ha-

via um bilhar. Bilhar francês, aquele de três bolas, e fazia carambola. E é indicado mesmo prá compositor que passa o dia sentado no piano.

Na época eu havia musicado a peça "Orfeu da Conceição", levada no Teatro Municipal e o maestro Leo Perachi, meu professor de regência me apresentou. E o Villa sabia de tudo, sabia quem eu era, e fingiu que não sabia. Depois é que eu descobri. É que ele era tão engraçado que fazia dessas coisas. Eu cheguei e ele estava escrevendo uma partitura imensa com uma pena de pato, ganso, que na ponta tinha uma caneta tinteiro parker 51.

Ele escrevia direto à tinta porque não errava nunca. Gênio não erra. Ainda havia uma vitrola tocando, uma soprano aos berros - o apartamento era mínimo - e mais um piano de cauda maior do que a sala. E ele atrás da escrivaninha com aquele charuto imenso apagado na boca, escrevendo do picolo ao contrabaixo, aquela partitura imensa, aquele papel pautado. Aí, ele levantou os olhos e disse "ah, Conceição", e continuou escrevendo, "aquela música - Conceição, eu me lembro muito bem..." Ele cantou a música que o Cauby Peixoto cantava. E fez isso de molecagem, pura molecagem. Ele fazia frases. Uma vez, voltando dos Estados Unidos deu uma declaração aos jornais: "O socialismo tem razão. O comunismo tem razão. O futuro do mundo é o comunismo. Mas eu não posso nesse momento perder um mercado como os Estados Unidos". E ele estava gozando todo mundo...

Ele, naturalmente, teve que se defender, porque era muito, muito, muito moderno, revolucionário. E no Rio, ele nem entrava no Municipal (na década de 20). O Municipal só tocava Verdi, Rossini... ópera italiana. Aí, o Villa tomou uma atitude assim: "eu sou gênio e pronto". Ele nasceu há 100 anos, morreu há 28 anos e ainda há quem se ocupe em falar mal do Villa. O Brasil não toca Villa-Lobos, toca muito pouco. Você precisa ter muita vontade de escutar Villa-Lobos. Basta dizer que mesmo com a vi-

da relativamente longa que ele teve (72 anos), você não encontra disco do Villa-Lobos gravado no Brasil. A obra para orquestra gravada. E onde estão as casas de música onde eu possa comprar as partituras do Villa-Lobos, passando num boulevard?

O Villa-Lobos é assim meu pai, é meu tudo. Estou com vontade de botar uma música do Villa-Lobos no meu disco. É mais do que uma homenagem, é pro disco ficar mais bonito. Pra eu sentir que tinha alguém que gostava mais de música do que eu.

Tom Jobim